

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras (FALE)

Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de
Leitura e Produção de Texto / PROLEITURA

Talita Fernanda Sereia

**FIO DAS MISSANGAS DE MIA COUTO: um relato de experiência de
desenvolvimento do leitor literário no ensino fundamental II.**

Itupeva

2023

Talita Fernanda Sereia

FIO DAS MISSANGAS DE MIA COUTO : um relato de experiência de desenvolvimento do leitor literário no ensino fundamental II .

Monografia de Especialização

Monografia de especialização apresentada ao Programa de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto (ProLeitura), como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Ensino de Leitura e Produção de Textos.

Orientador: Prof. Dra Leiva de Figueiredo Viana Leal.

Itupeva

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA TALITA FERNANDA SEREIA

Realizou-se, no dia 08 de agosto de 2023, às 09:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *FIO DAS MISSANGAS DE MIA COUTO: um relato de experiência de desenvolvimento do leitor literário no ensino fundamental II*, apresentado por TALITA FERNANDA SEREIA, número de registro 2022656339, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal - Orientadora, Prof. Marcelo Chiaretto (UFMG), Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula.

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 08 de agosto de 2023.

Profa. Leiva de Figueiredo Viana Leal (Doutora)

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)

Profa. Cristiane Dias Gonçalves Paula (Mestra)



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 08/08/2023, às 15:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leiva de Figueiredo Viana Leal, Usuário Externo**, em 08/08/2023, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Dias Gonçalves Paula, Usuária Externa**, em 08/08/2023, às 21:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2499187** e o código CRC **17D2E9E7**.

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais; em lugar de excluir as experiências vividas, ela me fez descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las. Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Tzvetan Todorov

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta um relato de experiência, baseado em um projeto de intervenção, realizado com alunos do 9º ano, cujo objetivo principal é investigar o desenvolvimento do leitor literário e sua influência na produção de texto. O projeto adota uma abordagem qualitativa, buscando compreender como o processo de leitura literária, especificamente a partir do livro "O Fio das Missangas" de Mia Couto, pode impactar a escrita dos estudantes. O estudo parte do pressuposto de que a leitura literária desempenha um papel crucial no desenvolvimento do leitor, promovendo o aprimoramento da linguagem, da imaginação e da capacidade crítica. Além disso, acredita-se que a leitura de obras literárias proporciona uma maior sensibilidade estética, favorecendo a expressão criativa e a reflexão, sobre diferentes aspectos da realidade. Ao longo da investigação, fizemos leitura compartilhada de "O Fio das Missangas", de Mia Couto, nas aulas de língua portuguesa, divididas em oficinas de leitura sob a mediação do professor. Os alunos também dirigiram algumas análises dos contos, em duplas, no formato de miniaulas. A culminância do projeto foi uma produção de texto, dentro do gênero de discurso conto psicológico, no qual os alunos mostraram que o acesso, os debates e as considerações sobre a leitura de Mia Couto, repercutiram em seus escritos, de modo que os alunos desenvolveram uma linguagem sensível, com construções mais maduras e discutindo temas que, ao olhar deles, podem tocar e atravessar a humanidade do outro.

Palavras-chave: escrita; leitura literária; mediação.

ABSTRACT

This work presents an experiment report based in an intervention project made with 9th grade students, with the main goal of investigating the development of the literary reader and how it influences in text production. The project embraces a qualitative approach in order to understand how the process of literary reading, specifically from Mia Couto's book "O Fio das Missangas", is able to impact the students writing. The study starts from the assumption that literary reading plays a key role in readers' development, promoting the improvement of language, imagination and critic capacity. Furthermore, it is believed that the reading of literary works provides more aesthetic sensitivity, favoring the creative expression and the reflection on different reality aspects. Over the investigation and during the Portuguese language classes, a shared reading of Mia Couto's book "O Fio de Missangas" in the form of reading workshops mediated by the teacher was made. The students, in pairs, also conducted analyses of tales in mini-classes format. The crowning moment of the project was the text production of a psychological tale in which the students had displayed that the access, debates and considerations about Mia Couto's reading impacted in their writings in order to perform a sensitive language, with more mature constructions and discussing topics that, to their eyes, could touch and penetrate the humanity of others.

Keywords: writing; literary reading; mediation.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Leiva Figueiredo Viana Leal, que mostrou interesse pelo tema, generosidade ao compartilhar, de maneira apaixonada, seus saberes e toda a disposição para o desenvolvimento deste trabalho que foi, acima de tudo, um momento de construção conjunta.

À minha família, João e Caetano, que organiza o que sou por dentro para que eu possa existir por fora, pelos braços dados e o impulso para a concretização deste passo que muito significa.

Ao meu amigo-irmão, Maurílio Mendes, com quem divido horas de conversa sobre educação e sobre aquilo que nos salva, a literatura, por acreditar no tamanho daquilo que vejo.

Aos meus alunos queridos, que me permitem viver experiências transformadoras, que dividem seus olhares famintos e seus pensamentos profundos, pela caminhada construtiva lado a lado.

Aos profissionais que estão na mesma caminhada dando o melhor de si, buscando um fazer mais humano e mais conectado ao outro.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Objetivo Geral.....	10
1.2. Objetivos Específicos	10
2. CONCEPÇÕES BÁSICAS DE LITERATURA E SEU IMPACTO NA ORGANIZAÇÃO DO PROJETO VOLTADO PARA UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA.	10
3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	13
3.1. O Gênero Acadêmico.....	13
3.2. A Sequência Didática.....	13
3.2.1. O fio das missangas	14
4. A DINÂMICA DAS OFICINAS	16
4.1. Oficina I – Apresentação da obra.....	16
4.2. Oficina II - O primeiro impacto.	17
4.3. Oficina III – Adentrando aos múltiplos dizeres.....	19
4.4. Oficina IV a XIII - Aprofundamento.....	20
4.5. Oficina XIV, XV, XVI - Apresentação das mini-aulas.....	22
5.1. Lê- los, a fim de sabê-los.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é um relato de experiência sobre o desenvolvimento do leitor literário, a partir da leitura da obra *O Fio das Missangas* de Mia Couto, que desenvolvo em sala de aula com alunos do 9º ano do ensino fundamental II.

Nesses quase doze anos de prática docente, dez são em um colégio formado como cooperativa, no interior do estado de São Paulo, onde sou professora de Língua Portuguesa e os componentes de leitura, produção de texto, gramática e literatura não são divididos, sendo eu responsável por trabalhá-los de modo contínuo, ao longo do ano letivo.

Em minha primeira infância, a leitura sempre foi algo inacessível. Pais que não completaram o ensino básico, ausência de hábitos de leitura e a escassez de livros ou literatura infantil, fizeram-me, ao ingressar no ensino regular, descobrir uma janela que seria fundamental para conhecer um mundo até então distante. Nesses primeiros anos, depois do estudo das cartilhas de alfabetização e as primeiras leituras de livros infantis, fui sentindo um enorme prazer em compreender histórias e deu-se início à minha capacidade de perceber como as palavras eram bonitas e como diziam algo forte ao meu coração. Anos e mais anos envolta pelos livros didáticos e afazeres escolares, até esbarrar com o primeiro livro de poesia que me sacudiu violentamente. *Estrela da vida inteira*, de Manuel Bandeira. Eram páginas demais, azul demais e uma vontade cíclica de devorar tudo. A sonoridade das palavras, que eu sequer imaginava o que significavam, me deixavam inquieta e sedenta. Eu bebia as palavras de Bandeira em goles de engasgar. Daí então os livros da biblioteca passaram a ser visita assídua em minha casa. Este encontro foi um salto profundo e irreversível para dentro de mim. Desde então, a passagem para a adolescência estreitou de vez o meu laço com a palavra e com a percepção do poder transformador que a literatura teve em minha vida. Sem deixar de mencionar, por merecimento, o papel fundamental de uma professora de português que, percebendo o quanto a literatura tinha um grande impacto sobre quem eu era, passou a me incentivar, não apenas durante as aulas que eram ricas no trabalho com poesia, textos e música, mas me emprestava seus livros pessoais e me presenteava com alguns deles. Penso que este ‘empurrão’ foi crucial para o fortalecimento da minha relação com a leitura.

Considero que relatar esta pequena missanga que compõe o meu percurso leitor pela vida, é fundamental para justificar a escolha do tema deste trabalho.

Considerando o contexto em que vivemos, em que a internet ocupa boa parte da atenção cotidiana dos nossos alunos, percebemos uma enorme carência quanto à leitura de livros. A relação dinâmica com as redes sociais nos envolve em um ciclo de leituras rápidas, reduzidas e

associadas mais aos produtos imagéticos do que escritos. Motivo que também corrobora com a dificuldade de uma leitura mais prolongada, solitária e imersiva.

Desde o começo do meu trabalho na docência, inquietava-me uma busca de meios que possibilitassem um trabalho de envolvimento dos alunos, em um processo de formação leitora mais aprofundada, onde pudéssemos partilhar ideias, fazer reflexões e compreender que a leitura, para além do entretenimento, é uma ferramenta emancipadora que nos conecta ao outro, que nos sensibiliza e é capaz de nos libertar de preconceitos e de estruturas sociais e culturais já desenhadas. Ainda sobre a potencialidade da literatura, Cândido considera,

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CÂNDIDO, 2011, p. 177)

Além de mostrar aos discentes a possibilidade de interação com o mundo que os cerca, gostaria que pudessem enxergar que, a partir da apropriação das leituras literárias, também haveria possibilidade de produzir textos, a fim de imprimir, na escrita, aquilo que são, o que sentem, o modo como veem o mundo, como analisam as situações, como refletem sobre o entorno, dando à sua própria escrita, vida suficiente para atravessar o outro. Afinal, quando escrevemos, também estabelecemos essa relação mútua com quem nos lê.

Neste sentido, Mia Couto em *O menino que escrevia versos*, narra um miúdo que gosta de escrever versos, e os pais, não sendo versados no universo das letras e acreditando que escrever é uma grande perda de tempo entre outras coisas, acreditam que há algo errado como garoto e o levam ao médico. Em um dos diálogos da criança com o profissional, dá-se o seguinte:

“— Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.” (COUTO, 2009, p.133)

O médico é o único, em toda a vida da criança, que lê seus versos de fato. Que se sinta e enxerga alguém por trás das palavras. Que vivifica a figura do menino em algo grandioso. A partir de então, o médico deixa de atender aos pacientes para passar horas lendo o que o pequeno escreve, pois estabeleceram ali uma relação de troca, uma conexão profunda, por meio daquilo que fazia vibrar o coração dos dois; a palavra.

Dessas interpretações do mundo, surgiram indagações tais como: seria possível que, de

uma leitura literária surja um cenário apropriado para uma escrita dos alunos, tal como o menino que escrevia versos? Como aproximar mais os alunos do mundo literário como algo transformador e formador de valores?

Dessas indagações, elegemos os seguintes objetivos:

1.1. Objetivo Geral

Contribuir para a dinamização de práticas literárias em sala de aula, desenvolvendo uma experiência de leitura literária coletiva e de produção de textos em um processo de dialogia e de interação leitor/obra e mundo, frente à contemporaneidade.

1.2. Objetivos Específicos

- Promover momentos de leitura literária coletiva, de modo a que os alunos se apropriem do discurso literário.
- Criar condições para que temáticas que emergem da leitura da obra sejam lidas na perspectiva da ficção, em confronto com a realidade.
- Orientar alunos para apresentação das análises que farão dos contos da obra. Propiciar contextos adequados para a produção de textos que emergirão das temáticas em discussão.

2. CONCEPÇÕES BÁSICAS DE LITERATURA E SEU IMPACTO NA ORGANIZAÇÃO DO PROJETO VOLTADO PARA UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA.

Para o desenvolvimento de uma experiência diferenciada com a leitura literária, selecionamos a obra de Mia Couto, *O FIO DAS MISSANGAS*, organizado em 29 contos. De acordo com a Editora do livro: Em histórias de desencontros, de incompreensões, de vidas incompletas e de sonhos não realizados, Mia Couto condensa as infinitas vidas que podem se abrigar em cada ser humano. São 29 contos unidos como missangas em redor de um fio, tecido pelo talento de um grande fabricante de ilusões.

Meu objetivo, ao escolher o livro de Mia para as aulas de leitura, era justamente ter como ferramenta um texto literário contemporâneo, que trouxesse temáticas inquietantes e

pertinentes às reflexões coletivas; mais do que isso, que permitissem aos alunos acesso a uma literatura sensível, impactante, extremamente bem construída, no que tange às questões de linguagem, metáforas, comparações, neologismos que compõem uma construção poderosa para o sentido daquilo que é dito. Uma leitura que, para além do cumprimento de currículo, pudesse movimentá-los, humanamente falando, reconhecendo conflitos internos e externos tão comuns a todos e que, acima de tudo, desse mesmo modo, pudessem produzir textos. Aliam-se a essas decisões, concepções de Coutinho:

A Literatura é, assim, a vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana. (COUTINHO, 1978, p. 9-10)

O direcionamento é o de articular concepções que se alinham a essa função ao valor da existência do literário como constituidor de sentimentos, de vida, de humanização e de poder ler e saber de coisas que ninguém diz, que nada diz, a não ser o literário, como nos ensina Barthes:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, [pág. 17] quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. (BARTHES, 1997,p.8)

Sabemos o quanto a carga dos professores de língua portuguesa é pesada, ainda mais nas escolas em que todos os eixos são trabalhados pelo mesmo professor. São situações em que, muitas vezes, o ensino da literatura torna-se limitado, e até secundário, visto que é preciso dar conta de uma grande demanda de conteúdos ao longo do ano letivo. As leituras acabam sendo fragmentadas e, para que o profissional consiga responder às demandas, os alunos precisam levar as leituras para casa, cumprir prazos e, em grande maioria dos casos, fazem alguma atividade avaliativa de verificação pós-leitura. No entanto, sempre tive a percepção da importância e do valor de ler com os alunos em sala, compreender como recebem esses textos, quais as dificuldades diante dos textos literários - aos quais nem sempre terão acesso, a não ser por sugestões dos professores-, e fazer intervenções ao longo dessas leituras, para estabelecer um diálogo, ouvi-los, chamar a atenção para questões sobre a construção da linguagem e/ ou discutir as temáticas apresentadas pelas obras. Enfim, poder viver o que Todorov afirma: “*A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente*

deprimidos, nos tornar ainda mais próximos de outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”. (TODOROV, T. 2009, p.76)

Sendo assim, a fim de contribuir com as reflexões pedagógicas, este trabalho pretende relatar a importância das práticas da leitura literária mediadas pelo professor, descrever os passos do processo de leitura de contos e analisar como os alunos se apropriaram desse discurso literário e o levaram para suas vivências no momento da escrita.

Chiaretto, grande pesquisador na área de literatura e ensino, chama atenção exatamente, para nossa realidade cultural, em que aqueles que ensinam literatura são destituídos, eles mesmos, do direito de ler. Destaco a importância do que nos afirma Chiaretto, porque posso afirmar, neste relato, que se não tivesse em mim mesma o amor pelo literário, a vontade de transgressão que ela permite, o desejo de mergulhar no mais íntimo do ser humano, minha experiência não teria existido.

Em tais situações, o prazer da leitura dos educadores fará a diferença, já que o letramento literário se tornará parte de um processo de disseminação cultural, e não de imposição ou utilização da literatura apenas como mero pretexto para exercícios de outra natureza. Só um educador-leitor, com um repertório textual rico e diversificado, envolvido verdadeiramente com o universo da literatura, pode formar leitores e organizar seu material didático sem usar estratégias acomodadas ou autoritárias, sem fechar-se no espaço escolar e sem desvincular-se da vida social. E uma formação literária satisfatória apenas se conforma quando o educador reconhece o potencial civilizador e humanizador da leitura literária. (CHIARETTO, 2014, p.3)

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

3.1. O Gênero Acadêmico

O estudo aqui apresentado pertence ao gênero Relato de Experiência. Nesse sentido, aborda os pressupostos para o conhecimento científico, que é o que se descobre e se aprende nessas experiências e que, de alguma forma, podem ser tematizados. Relatar é um gênero que permite retornar ao já vivido com olhar de quem busca alguma verdade.

O relato de experiência é um texto que descreve uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para determinada área de atuação, tendo sido exitosa ou não. O importante é que seja um debate significativo à área, por isso, não pode ficar apenas na descrição do que foi feito, mas aprofundar em análises e diálogos fundantes e valiosos para a área de estudos, embasados na experiência relatada.

Bondia, filósofo contemporâneo, conclama, há tempos, uma revisão no sentido da palavra experiência. Para o filósofo:

Começarei com a palavra experiência. Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (BONDIA, 2022., p.2)

Partindo dessa concepção, posso afirmar que estou tocada com essa experiência, tanto pelo que ela me diz de mim, quanto do outro, meu aluno. Enfim, essa experiência me tocou a tal ponto de desejar relatá-la como algo bom que se reparte de dentro da gente e não o que se mostra como um troféu.

3.2. A Sequência Didática

Esse relato se baseia na sequência de atividades que foram preparadas para serem desenvolvidas com os alunos e pelos alunos. Nessa esteira, aproxima-se de uma pesquisa de intervenção, na medida que cuidou de buscar preencher uma lacuna sentida na formação do aluno leitor de literatura, tal como define Gil: *“As pesquisas do tipo intervenção pedagógica são aplicadas, ou seja, têm como finalidade contribuir para a solução de problemas práticos.*

Elas se opõem às pesquisas básicas, que objetivam ampliar conhecimentos, sem preocupação com seus possíveis benefícios práticos. GIL (2010, p. 184), “

Bortoni acrescenta a isso outro fator importante,

O docente que consegue associar o trabalho de pesquisa a seu favor pedagógico, tornando-se um professor –pesquisador de sua própria prática ou das práticas pedagógicas com as quais convive, estará no caminho de aperfeiçoar-se profissionalmente, desenvolvendo uma melhor compreensão de suas ações como mediador de conhecimentos e de seu processo interacional com os educandos. (BORTONI, 2008, p. 10)

O intuito das oficinas de leitura era que lêssemos todos os textos na íntegra, passando por todos os colegas de sala e que mantivéssemos aberto diálogo, para que os alunos pudessem fazer qualquer tipo de observação, análise, comparação, que tivessem a liberdade de trazer experiências, ou simplesmente nada dizer. Afinal, “*Há tanta suavidade em nada se dizer e tudo se entender*”, como bem coloca Fernando Pessoa (2016, p.451).

O 9º ano de 2023 constitui-se por 16 alunos, assim, no decorrer das aulas, propus que, em duplas, dirigissem algumas das oficinas de leitura quando chegássemos aos contos finais. Depois do processo das análises em duplas, os alunos receberam a proposta de produção de texto que compunha o encerramento das nossas oficinas.

3.2.1. O fio das missangas

- O autor

António Emílio Leite Couto nasceu em 5 de julho de 1955, na cidade de Beira, em Moçambique. Trabalhou na área do jornalismo e foi professor de ecologia na universidade. Lançou seu primeiro romance, *Terra Sonâmbula*, em 1992, que foi considerado um dos melhores livros africanos do século XX, e suas publicações circulam pela poesia, contos e romances. Mia Couto foi o segundo escritor africano a ser eleito para a Academia Brasileira de Letras. Na atualidade, é o autor moçambicano mais conhecido mundialmente, galgando vários prêmios na área literária.

Em 2004 lançou seu principal livro de contos, *O Fio das missangas*, composto por 29 contos curtos, narrados numa prosa poética muito particular. Livro este que foi selecionado por mim, para compor a lista de leituras literárias do 9º ano em 2023.

Figura 1 – Capa do Livro: O Fio das Missangas



Meu objetivo ao escolher o livro de Mia para as aulas de leitura era justamente ter como ferramenta um texto literário contemporâneo, que trouxesse temáticas inquietantes e pertinentes às reflexões coletivas e, claro, que permitisse que tivessem acesso a uma literatura sensível, impactante, extremamente bem construída no que tange às questões de linguagem, como metáforas, comparações e neologismos, que compõem uma construção poderosa para o sentido daquilo que se diz. Uma leitura que, para além do cumprimento de currículo, pudesse movimentá-los humanamente falando, reconhecendo conflitos internos e externos tão comuns a todos e que, acima de tudo, do mesmo modo, pudesse inspirá-los a produzir textos.

4. A DINÂMICA DAS OFICINAS

4.1. Oficina I – Apresentação da obra

A primeira aula da oficina consistiu basicamente na apresentação do livro e um pouco sobre a biografia de Mia Couto. Busquei dar ênfase à origem moçambicana do autor que, por ser filho de pais portugueses que imigraram para Moçambique, fez com que Mia pudesse participar ativamente da luta de seu país pela independência e que essas narrativas remetem de maneira universal à sua terra.

A este respeito é imprescindível, ao pensar o trabalho com a literatura, destacar uma de suas grandezas, tal qual salienta Barthes:

A segunda força da literatura, é sua força de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. (BARTHES, 1987, p.11)

Discorrer com os alunos sobre o fato de que o fazer literário engendra em sua corporificação aquilo que nos é comum e que as vivências humanas, das triviais às dilacerantes, podem ser reconhecidas e experimentadas por meio das palavras, os move, de maneira mais genuína, a abrir portas para algo palpável e não distante como quando propomos leituras superficiais e afastadas de um ambiente passível de troca.

Nesta mesma aula também comentei sobre a visibilidade do autor, o fato de ser publicado em vários países, especialmente a admiração que tem por autores brasileiros como Guimarães Rosa e como isso repercute em uma escrita repleta de criações como os neologismos, características fortes da escrita de Guimarães e outros aspectos já trabalhados com essa mesma turma no 8º ano.

Dividi com eles a experiência de ter assistido a uma palestra do autor no ano de 2016, na qual ele falava um pouco de seu percurso até chegar, de fato, ao seu papel enquanto escritor, mesmo já tendo, desde criança, experiências profundas com a escrita, até receber o chamado que jamais poderia ser recusado. Mostrei meu livro assinado por ele e um registro fotográfico deste grande dia.

Outro ponto importante foi contar a eles meu primeiro contato com o autor, que foi por conta de uma leitura obrigatória na graduação: eu tinha três dias para ler a obra a fim de passar por uma arguição. Esta circunstância de certa pressão foi um enorme

presente, pois adentrei ao universo de *Terra Sonâmbula* e, de certa forma, me senti naquele “estado de graça” sobre o qual, profundamente, discorre Lispector:

As descobertas nesse estado são indizíveis e incomunicáveis. É por isso que, em estado de graça, mantenho-me sentada, quieta, silenciosa. É como numa anunciação. Não sendo, porém, precedida pelos anjos que, suponho, antecedem o estado de graça dos santos, é como se o anjo da vida viesse me anunciar o mundo. (LISPECTOR, 1999, p.91)

Percebi que descrever este impacto do livro sobre mim foi importante, pois gerou nos alunos uma curiosidade, uma certa inquietação e a vontade de começar a leitura de imediato. No entanto, antes da leitura do primeiro conto, atentamo-nos à epígrafe do livro que, com seu lirismo, já nos convida a adentrarmos por meio do “vistoso colar” – o livro-à delicadeza das missangas – os contos.

4.2. Oficina II - O primeiro impacto.

Em nossa escola, a organização das salas é um semicírculo, visto que são turmas pequenas, o que torna os momentos de leitura mais prazerosos e encontros que viabilizam mais discussões. Lemos os textos na íntegra, ao menos dois por aula, cada aluno lê em torno de dois a três parágrafos e todos conseguem participar.

Considero esses momentos passos fundamentais para o processo da leitura em conjunto, conforme Nogueira:

No contexto do trabalho pedagógico realizado pela escola, são inúmeras formas de mediação que se estabelecem entre as crianças e o conhecimento. Entre elas destacamos a mediação do outro, que ensina e faz junto, permitindo a construção partilhada; a mediação dos signos linguísticos e dos recursos sistematizados pedagogicamente, que permeiam todas as interações, organizando os instrumentos para a atividade intelectual. (NOGUEIRA, 1996, p. 17)

Embora os alunos já tragam consigo muitos saberes, é importante, para o processo pedagógico, que o professor auxilie na organização dos conhecimentos comuns, visando um melhor aproveitamento também individual dos processos de aprendizagem. Por isso, opto por iniciar a leitura de ao menos dois parágrafos do texto para chamar a atenção sobre importância de uma leitura que respeite as pontuações, a entonação e vou tentando prepará-los para o contato com palavras que possam gerar alguma estranheza, mas que não prejudicam a compreensão geral da narrativa.

Nessa segunda aula, fizemos a leitura dos dois primeiros contos do livro, o que gerou certo frisson por conta do desfecho de *As três irmãs*. Embora tivessem compreendido que acontece um beijo inesperado, ao que as reações foram falas como “sora, que *plot twist*”, e “eu não acredito!” e até “estou chocada”.

Neste momento, fiz a iniciação da mediação visto que, para além do desfecho do beijo, era importante atentarmo-nos a algumas outras informações que o texto trazia. Então reli o último parágrafo do conto de forma pausada, com um tom de voz claro e dando ênfase a alguns trechos específicos como “... *Estrelas e espantos brilharam nos olhos das três irmãs, nas mãos que se apertaram em secreta congeminação de vingança*” (p. 13), e à última palavra do texto, “*derradeiro*”. As interrogações ainda apareciam nas expressões dos alunos, então fiz uma retomada da leitura, pedindo que tentassem identificar o que gerou neles uma quebra de expectativa ou o que os chocou no final da história. Ao passo que foram dizendo que as irmãs foram isoladas pelo pai para o servir, e deixaram de ser o que desejavam, então esperavam que, com o aparecimento do rapaz, uma das irmãs se casasse, fugisse ou ao menos enfrentasse o patriarca. Mas, o que acontece novamente é o pai ser o centro de tudo.

Neste momento, interpelei-os sobre que tipo de história teria o final que eles esperavam e, rapidamente, relacionaram aos contos de fadas, à ideia do feliz para sempre. Então perguntei que outros elementos eles poderiam associar a esse gênero já identificado. Conseguiram também observar que, assim como nessas narrativas, aqui as mulheres também são descritas com habilidades que denotam cuidados com a casa e com a figura masculina.

Voltei então aos trechos que destaquei na leitura e pedi que refletissem sobre o que talvez o conto estivesse propondo a partir disso. Os alunos buscaram o significado de derradeiro e congeminação e passaram a discutir o que talvez pudesse ter acontecido depois do fatídico beijo. Neste momento abri o diálogo, para que pudessem explicar suas impressões e as interpretações. Trouxeram mais observações, argumentos e olhares múltiplos para o desfecho, até a possível vingança factual das irmãs em relação ao pai, já que foram privadas da felicidade durante toda a vida.

A percepção desse movimento dos alunos ao debater uma temática de uma possível relação homossexual entre o pai e um forasteiro, que frustrou completamente as expectativas de leitura, me fez refletir sobre a relevância da literatura abarcar os valores que a sociedade preconiza ou considera prejudiciais, seu poder de propor e denunciar, apoiar e combater e, mais que isso, nos abrir a possibilidade de viver dialeticamente os

problemas, assim como salienta Cândido (2011).

Foi um primeiro contato, e já me senti refeita ao sair da sala sob os efeitos do que a leitura provocou em nós.

4.3. Oficina III – Adentrando aos múltiplos dizeres.

A fim de que os encontros não perdessem esse caráter dialógico, que eu considero o que realmente importa em uma aula de leitura, seguimos o processo das oficinas, lendo dois contos por aula e passando por todo o processo de reflexão, identificação das temáticas, observação do lirismo e do quanto as figuras de linguagem potencializavam o dizer, sem uma grande preocupação com nomenclaturas e estruturas, ou com aquilo que o autor quis dizer, o que, muitas vezes, torna a experiência da leitura tão perdulária. Sinto que, conforme evidencia (TODOROV, 2009), este trabalho em sala deveria se concentrar apenas no texto, o que vai ao encontro do amor que nós, enquanto professores das letras, temos pela literatura. Da nossa vontade de mergulhar na beleza e no sentido das obras e daquilo que nos fascina neste universo.

O conto *O homem cadente* chamou bastante a atenção dos alunos, primeiramente porque deixou uma dúvida enorme sobre se tudo de fato havia acontecido, mas especialmente no momento em que a personagem do conto se joga de um prédio e não cai, mas fica flutuando e juntam-se ali muitos curiosos a especular. E um deles afirma que seria um possível novo Cristo. Um dos alunos comenta “*Ah lá o sensacionalista. Se fosse real, ia passar na Band cinco dias seguidos*”.

Percebendo o tom polêmico da fala, passei ao processo de mediação, quando aproveitei para perguntar que tipo de conteúdo circulava nesse canal que citaram e porquê eles imaginavam que esse tipo de conteúdo tem espaço na televisão aberta.

A pergunta suscitou uma discussão em que os alunos conversavam entre si e discorreram bastante sobre como é o real e o quanto as pessoas tentam tirar proveito de situações trágicas para ganhar fama, chamar a atenção e se beneficiar por meio da dor alheia. Neste momento, citaram casos de crimes ou outras situações que passavam na televisão por muitos dias seguidos ou que viralizaram na internet. Foi uma leitura que gerou muitos diálogos sobre o poder que as pessoas têm quando estão munidas dos celulares e de uma vontade incessante de aparecer, ignorando completamente o sofrimento alheio. Reconheceram-se também como consumidores movidos pela curiosidade instigada pela repercussão de alguns casos, e do fácil acesso a vídeos e a

postagens que chegam rapidamente às redes sociais.

Alguns contos despertavam uma vontade maior de comentar, compartilhar experiências e fazer colocações, o que estendia um pouco mais o tempo de aula e, por vezes, não dávamos conta de ler dois contos no mesmo dia, devido a outras demandas.

Esses momentos de discussão a partir das perguntas que eu ia fazendo ao longo da leitura, me traziam à mente o que Revoredo e Souza ponderam:

O mediador tem funções distintas e definidas. Seu olhar e sensibilidade serão importantes, porque ele precisa perceber no leitor em formação seu potencial, seus interesses e, nesse sentido, aproximá-lo do objeto livro. A aproximação não é simples, visto que o futuro leitor tem que se sentir seduzido para o ato de ler e de materializar a leitura. (REVOREDO; SOUZA, 2011, p. 260).

Ler e chamar os alunos a mergulhar nos temas propostos pelo livro, ia trazendo para eles uma clareza quanto ao que eu intencionava; uma percepção da necessidade do hábito de se discutir leituras. Isso não a considerar apenas aquele livro, e as aulas de língua portuguesa, mas todas as leituras que faziam nas outras disciplinas e fora do ambiente escolar. Costumava sempre reforçar a eles que toda a leitura nos convida a sentir, refletir, agir, ou tudo isso ao mesmo tempo, e como era importante que passassem a apropriar-se delas, ocupando um lugar mais ativo diante de qualquer assunto abordado.

4.4. Oficina IV a XIII - Aprofundamento.

À medida que a leitura do livro foi avançando, a qualidade das discussões foi se evidenciando, as aulas eram esperadas e, depois dos conteúdos discutidos em nosso cronograma, se sobravam alguns minutos, a turma sugeria fazer a leitura de um conto. Percebi que, além de conseguirmos explorar as temáticas que os contos suscitavam, aquele momento se tornava uma possibilidade de comunicação mútua daquilo que sentiam e pensavam em relação a diversos assuntos. Os alunos mostravam-se felizes, porque suas vozes eram ouvidas sem ridicularização, sem a sensação de poda quanto ao que queriam dizer. Sobre isso, é válido notar que muitas das falas iniciais vinham precedidas por *“acho que não tem nada a ver o que eu vou falar agora, mas...”* ou *“pode ser que seja só uma brisa minha, mas eu percebi que...”*, quase que como uma desculpa pelo que iam considerar. O avanço dessas discussões e o lugar confortável que havia se tornado o momento da leitura, foi trazendo uma participação mais ativa, mesmo dos alunos mais tímidos, com menos desenvoltura para falar em público e receosos de

expressarem algo que julgassem não ser significativo para o momento.

Assim, fomos transitando pelas leituras, umas mais demoradas e discutidas, outras enfrentadas mais objetivamente.

Houve momentos em que havia uma menor participação dos alunos. Pude perceber que isso se dava por conta de algumas narrativas serem muito mais subjetivas, e exigirem um aprofundamento que talvez eles não estivessem dispostos naquele momento. Compreensível, visto que os alunos passavam pela dinâmica de várias aulas e, muitas vezes, já estavam cansados e desinteressados.

Nesses momentos eu tentava ativar um pouco mais a sensibilidade e não os forçar a uma entrega que não parecia viável. Buscava uma mediação menos questionadora e mais convidativa a pensar do que a partilhar, de modo que se sentiam mais à vontade, não sendo diretamente interpelados. Noutras circunstâncias, percebia que as aulas não funcionavam tão bem, como quando voltavam da educação física, por exemplo. Então reorganizava a aula de leitura para outro dia em que tínhamos momentos estratégicos de maior disposição.

Alguns contos impactavam diretamente os alunos como *A infinita fiadeira* (p.63), que discute como é visto como menor quem escolhe a arte como caminho. Ao perceber o mote dado pela narrativa, já começavam a fazer comentários de alguns relatos familiares sobre avós que pressionaram os pais a escolher as profissões, sobre como muitos ainda viviam frustrados por não terem seguido com o sonho, apenas para não decepcionar os outros.

Questionei como eles se colocariam hoje, caso sofressem algo parecido, se teriam apoio dos familiares e condições para seguir seus sonhos. Nesses momentos de participação, muitos pormenores familiares iam aparecendo, relações um pouco conturbadas, afastamento dos genitores e assim por diante.

Assim sucederam discussões profundas também com *O mendigo Sexta-feira jogando no Mundial* (p. 81), que gerou muita indignação e tristeza nos alunos e, como alguns têm a experiência de participar de grupos que servem refeições para pessoas em situação de rua, vieram com um olhar muito mais humano e menos distante do real. Um dos comentários marcantes foi de um aluno “*Meu Deus, sora. A gente vai pro médico quando está morrendo, aí a pessoa vai pra se sentir gente*”.

Outros contos como *Maria Celulina, a esferográfica* (p. 55), *Entrada no céu* (p.77), *Meia culpa, meia própria culpa* (p. 39), *Maria Pedra no cruzar dos caminhos* (p. 85) e *A carta de Ronaldinho* (99), levaram um pouco mais de tempo para serem lidos e

discutidos, pois traziam temas mais polêmicos como incesto, racismo no ambiente religioso, solidão e abandono. Demorarmo-nos no debate de temas como esses, corrobora ao pensamento de que *“a literatura é capaz de desenvolver em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante”*. (CÂNDIDO, 2011, p. 182)

Conduzir as aulas a partir da literatura de Mia exige bastante cuidado e capacidade de escuta, uma vez que é uma material diferente do que os alunos costumam acessar. Procurei, a cada momento de percepção de incômodo, incompreensão ou atravessamento, trazer questionamentos aos alunos, fazer perguntas que pudessem provocar neles um momento de consideração ou uma colocação do que sentiam em relação aos assuntos tratados. Ocasionalmente, precisei reler trechos específicos para que pudessem perceber intenções, que, às vezes, por uma falta de fluência, não conseguiam compreender. Também usei estratégias de inferência quanto à colocação dos títulos dos contos, buscando, nos alunos, a construção de hipóteses sobre o desenvolvimento das narrativas e, após as leituras, a retomada dessas suposições para verificação da confirmação ou não daquilo que eles imaginavam quanto ao conteúdo das discussões propostas por Mia.

4.5. Oficina XIV, XV, XVI - Apresentação das miniaulas.

A partir da observação do enriquecimento das discussões até aqui, pensei que pudesse ser de enorme valia os alunos dirigirem algumas análises, e oferecer, como um presente a todos, a sua leitura crítica. Solicitei que trabalhassem em duplas, fazendo a escolha de um dos contos que ainda não havíamos lido e, junto com seus parceiros, fizessem a leitura e montassem uma miniaula. Fariam a leitura dos contos na íntegra, como sempre, e trariam as suas observações sobre temas, linguagem e reflexões.

Assim combinado, eles trabalharam na preparação da apresentação em mais ou menos três aulas, e estipulamos uma semana para as apresentações, nas quais teriam a liberdade de usar alguns outros materiais de apoio. No decorrer da preparação, circulei bastante entre as duplas e os alunos iam mostrando como estava correndo o trabalho e verificando se suas observações estavam claras, pediam auxílio, especialmente, em momentos que queria explicar algo e não sabiam como.

As apresentações aconteceram nas datas previstas e apenas um dos alunos não compareceu. A maioria das duplas optou por fazer exatamente como fazíamos em aula, e duas delas fizeram também uso de slides para separar citações específicas que

consideraram importantes para a construção de sentido do texto e para se orientarem quanto ao que discutiriam na aula.

Seguem alguns registros fotográficos dos trabalhos.

Figura 2



Figura 3



As apresentações foram acontecendo e consegui fazer uns poucos registros em áudio (pelo *WhatsApp*), visto que alguns diálogos se tornavam muito interessantes. A dupla que trabalhou com *O dono do cão do homem* (p. 103), por exemplo, debateu bastante com a turma sobre a questão da inversão dos papéis entre animais e homens, no sentido de, muitas vezes, dar-se muito mais importância às necessidades dos animais do que das pessoas em situação de vulnerabilidade. A este respeito, um dos comentários foi “*Aqui na cidade eu poderia falar o nome de várias ONGs que ajudam animais, mas eu nunca ouvi falar de um lugar que acolha pessoas de rua. Não tem tanta divulgação.*”, ao passo que aproveitei para perguntar onde estaria o problema no cuidado com os animais. Essa pergunta chamou muitas outras e os alunos foram discutindo, conforme suas percepções, tentando mostrar que a questão eram os excessos e uma certa humanização do animal em detrimento à evidente decadência humana.

Outra fala que me chamou atenção na dupla que analisou o conto *Os Machos lacrimosos*, texto que aborda a questão do papel social do homem em um lugar de

provedor e distante de tudo aquilo que diga respeito à sua sensibilidade, foi:

“Depois que esses homens começaram a desabafar, fala que as mulheres estranhavam porque os homens estavam mais atentos com as palavras, davam flores, carinho e esse tabu que foi criado de que homem não chora, eu acho que é desnecessário, né, porque como Kapa-Kapa fala, o ser humano é feito 70 % de água. Então porque a gente não pode despejar essa água que está dentro da gente?” (OS MACHOS LACRIMOSOS, p. 107)

Achei a simplicidade dessa colocação tão pertinente e tão bonita que foi impossível não sorrir.

Figura 4



Figura 5



Assistir a esses trabalhos fez-me refletir acerca das palavras de Aguiar:

O ato de ler significa diálogo com o texto, descoberta de sentidos não-ditos e alargamentos dos horizontes do leitor para realidades ainda não visitadas. Por isso, quanto mais contato com a literatura e com o universo dos livros tanto maior a chance de formarmos leitores competentes. (AGUIAR, 2011, p. 113)

É muito satisfatório para um professor verificar que seus alunos conseguem movimentar-se dentro e a partir de uma leitura literária, trazendo à tona olhares tão entregues e despidos de qualquer necessidade de aprovação. Observar o processo de

desenvolvimento da leitura, corrobora com a premissa de que uma leitura crítica permite posicionamento crítico e criativo, possibilita a troca de informações e impressões com outros leitores - o que considero fundamental para o processo de formação do leitor- e a conscientização do seu crescimento enquanto leitor e ser humano, conforme Aguiar (2011).

Figura 6



Figura 7



A análise de *A despedideira*, cujo enredo se desenvolve a partir de uma narradora que é abandonada pelo marido e a não aceitação desse fato a faz reviver a despedida todos os dias, como forma de manter esse amor vivo, chamou também a atenção por uma consideração da aluna, quando disse “ *Tem uma parte em que ela narra um momento íntimo dos dois e fala* “ (A *DESPEDIDEIRA*, p.51).

Depois, me desfiz em poeira, toda estrelada no chão. As mãos dele o vento espalhando cinzas. Eu.”.

“*Ela coloca o “ eu “, só ele lá com um ponto, e aí é muito importante que foi até agora no conto a primeira vez que ela se sentiu inteira. Esse “eu” simboliza esse “ah, quem sou eu? ”, e se a gente consegue talvez responder essa questão, é uma sensação de se sentir pertencente a algo. Fez ela se sentir pertencente a ele e, logo, pela primeira vez, ela se sentiu inteira”.* (A *DESPEDIDEIRA*, p.52).

Achei a observação interessante, já que a aluna se atentou à forma como um pronome estava disposto no texto e conseguiu enchê-lo de significado a partir daquilo que o texto permitia, mas não dizia. Este movimento faz ponte com a afirmação de que “todo

texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho”. (ECO, 1994, p.9). Os alunos estavam fazendo e engrenagem dessa máquina girar.

Ainda sobre esse processo da participação do leitor em um texto literário, Humberto Eco (1994) o compara a alguém que se perde em um bosque e nele pode escolher diversos caminhos, como também muitas possibilidades interpretativas. E em alguns casos, ao fim de uma obra, os escritores optam por deixar os leitores ali perdidos, num exercício de reflexão.

Era nesse lugar que eu via esses meninos, num bosque denso, desconhecido, usando suas ferramentas intelectuais e humanas a fim de escolher que caminhos deveriam seguir. Alguns ainda olhavam com espanto para as possibilidades, outros, mais ousados, arriscavam-se no ineditismo de algumas trilhas e outro grupo ainda não queria optar, mas aproveitava a beleza do caminho, desfrutando tudo aquilo que considerava essencial para continuar ali.

Assim, prosseguimos a discussão, abordando as elementos mais centrais dos textos, como o apagamento da figura feminina e a dependência emocional das mulheres em relação aos seus parceiros.

Foram apresentações muito intrigantes, ricas e engraçadas, porque os alunos não se poupam e nem poupam seus colegas de observações. Uma das alunas, muito participativa e questionadora, manteve-se em silêncio ao final da última apresentação e eu perguntei " *Está tudo bem? Estou preocupada com seu silêncio.* ", e a resposta foi " *Não, é que eu não esperava que o trabalho deles fosse ficar tão bom* ". A gargalhada foi geral, e encerramos as miniaulas em um clima muito gostoso e descontraído.

Tantas coisas estão envolvidas na formação do leitor, entretanto, considero que a partilha seja o elemento fundamental neste processo, como reflete Aguiar:

Viver rodeado de material escrito não garante o nascimento de um leitor, no entanto, o exemplo dos pais, avós, irmãos, amigos, professores e bibliotecários é decisivo para aproximar a pessoa dos livros. Mas é sobretudo o entusiasmo, o comprometimento demonstrado por meio da leitura conjunta, do diálogo sobre os assuntos lidos, das trocas de livros, dos relatos de experiências leitoras que mobilizam o novo leitor. (AGUIAR, 2011, p. 110)

4.6. Oficina XVII, XVIII, XIX - A produção de texto.

Um dos gêneros de discurso que são lidos e trabalhados nas aulas de língua portuguesa neste ano é o conto psicológico, portanto, aproveitei o ensejo de que já

havíamos feito leituras e discussões acerca das características desse gênero para compor a proposta da produção literária. Os alunos deveriam escrever durante as aulas de língua portuguesa, depois digitar os textos para fazermos juntos as correções em sala de aula. A finalidade da produção era que escrevessem, dentro do gênero estudado, temáticas escolhidas por eles, dentro de seus interesses e necessidades, apropriando-se de uma linguagem mais literária, conforme haviam tido contato com a leitura de Mia Couto. A intenção é que, no segundo semestre, esses textos possam compor um blog da turma e sejam divulgados para a apreciação da e na comunidade escolar.

Para essa proposta, procurei manter em mente o que Aguiar salienta:

Precisamos estabelecer as relações complementares entre a leitura e a escrita, percebendo que podemos ler todos os sinais, dos livros e do mundo, buscando recuperar a intenção dos textos em direção a seus receptores, com base nas marcas gráficas e em todas as outras disponíveis. Por essas vias, não haverá alfabetizados funcionais, que apenas soletram ordens a serem obedecidas e informações a serem digeridas, mas leitores críticos, capazes de interagir com textos das mais diversas naturezas sociais e institucionais (jornalísticos, políticos, religiosos, literários, científicos, jurídicos etc.) e estender essa capacidade leitora a todas as situações orais da vida cotidiana. (AGUIAR, 2011, p. 109)

A ideia de instigar os alunos a produzir textos depois de um movimento intenso de leitura, partiu de uma vontade de provocá-los a trazer para a escrita todo aquele entusiasmo ao discutir temas que foram significativos para eles.

Tínhamos três aulas disponíveis, conforme os alunos iam produzindo e enviando os textos, chamava-os na minha mesa e, juntos, íamos lendo o texto no computador e fazendo correções em nível linguístico como concordância, o uso inadequado de elementos coesivos, algumas questões de pontuação e paragrafação e ocorrência de parágrafos com ideias mal finalizadas ou colocações confusas. Nesses casos, eu relia em voz alta para que o aluno conseguisse perceber construções sem sentido, sem finalização ou mesmo com a necessidade da substituição de palavras ou expressões. Essas foram as minhas interferências nos textos. As temáticas que eles decidiram abordar foram respeitadas e não houve mudança em nenhuma produção.

Propor uma produção de texto para esses alunos não tinha como finalidade atribuir-lhes uma nota para classificar seu desempenho tendo em vista a declaração “Dar notas sempre e o tempo todo é condenar-se a só valorizar os êxitos de certos alunos em função dos fracassos dos outros” (MEIRIEU, 2005, p. 194).

Por se tratar de um texto livre, para a emergência de sujeitos em movimento com

a sedução das palavras, foi considerado como contexto de produção: para quem escrever? Colegas e comunidade. Para que escrever? Expressar sentimentos e imaginação e criação. O que escrever? Um texto do domínio do discurso literário. Como escrever: linguagem, estilo e usos de recursos metafóricos, lexicais.... Onde circulará: no blog da escola.

Assim, foi possível acompanhar um pouco mais o processo das manifestações nas aulas de leitura, as observações que faziam, a partilha, as experiências e analisar o processo de evolução desses leitores- escritores.

5. TEXTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Como amostra das aulas de escrita, apresentarei aqui uma sequência de algumas das produções desses alunos, identificando-os apenas pelas iniciais dos nomes e sobrenomes, e ao final do último texto, farei algumas considerações.

Texto I- Aluno (a): A.M
Título: O monstro
<p>Eu vi um monstro. Não era eu! Era um bicho deformado não pertencente ao meu quarto. Vi-o no espelho um pouco antes de gritar, com medo, um pedido de socorro para minha mãe. Mas ela dizia que não tinha nada ali.</p> <p>Como era possível? Um monstro tão nojento e desconexo dentro de um quarto tão bonito como o meu?</p> <p>Eu não admitia aquilo, uma coisa não minha, visível, sentida e estranhada apenas</p>

por mim. Um invasor!

Eu queria destruir aquele monstro. Me soltar de suas sombras e amarras que me deixavam totalmente preso a uma visão inexistente. Queria acabar com ele, se não acabasse, pelo menos que eu ficasse cego para não precisar vê-lo.

Mas era impossível! O monstro não ia embora. Eu podia quebrar o espelho, trocá-lo por um novo, tentar escondê-lo, lutar, gritar, chorar...não adiantava. Ele não ia embora, ele não vai embora!

É tolice acreditar que ele vai sair dali. Ele está preso a mim. Veio junto com o meu quarto, eu é que nunca tinha reparado até ele se manifestar. Por que existem tantas outras belezas no meu quarto, que sua aparição diária era quase imperceptível...

O monstro é apenas um mero detalhe, que talvez só vá embora quando eu estiver pronto, e enquanto ele achar que eu ainda não estiver pronto, ele nunca sairá de lá. Cabe a mim decidir como lidar com meu monstro.

Posso lutar eternamente por algo que não vai acabar por agora, posso desistir, ou posso apenas aceitar que ele estará ali até que chegue sua hora. E, sinceramente, eu estou cansado de lutar! Já entendi que ele não vai sair dali, não até uma reforma, ou uma casa nova, mas isso não sou eu que decido.

É mais fácil aceitar. Aceitar o fardo para que ele fique mais leve, para que eu não sangre mais com os cacos de vidro do espelho, na esperança de que o reflexo monstruoso e desconfortável desapareça, para que eu não perca noites e noites pensando em como tirá-lo dali, para que eu descanse um pouco.

Eu só quero descansar...

Texto II

Aluno (a): S.V

Título: **A pior a meus olhos**

Despertei. Hoje será um grande dia! Meu sono foi desregulado e pesado, o que não é esperado de uma modelo. Dizem que a beleza é desenvolvida durante a hora que você dorme.

Não devo ingerir nenhum tipo de alimento sólido em dias importantes. Somente

beber água, a não ser que dê inchaço. A fraqueza já pertence a mim, isso é reconfortante. Ela me moldou da forma que eu deveria ser. Bela. Afinal, é só o que levam em consideração.

Cinquenta e três, infelizmente, não é um número bonito. Não me refiro a notas escolares. Minha colega pesa quarenta e sete quilos. Se eu remover uma refeição, talvez fique mais magra.

Lâmina, braço e água. Papai já percebeu. Menti dizendo que eram nossos gatos, embora soubesse que ele não acreditaria. Isso me torna real. Um simples e insignificante estilete tem o poder de me trazer à realidade, simplesmente afundando minha pele. Sentir o vermelho bordô escorrer delicadamente sobre meu antebraço é como uma obra futurista.

Não tenho apoio próprio, quem dirá de outros. Mamãe se impõe somente quando a convém. Amigos? Se te deixarem sozinha em um local desconhecido e não comparecerem em seu aniversário for válido, possuo vários! A pessoa que mais detesto, sou eu. Provavelmente, essas pessoas pensam da mesma forma.

Finalmente, o momento mais esperado! O grande desfile. Cheguei ao evento minimamente atrasada. Entrando aos poucos, avistei minha colega chorando ao se olhar no espelho. Mesmo ela sendo a estrela, há motivos para se sentir insuficiente?

Bastava me aprontar e entrar na fila da passarela. Ver todas aquelas garotas embelezadas me causa pânico. São mais altas, magras, formais e talentosas que eu. Com todas essas negatividades, dei meu primeiro passo na passarela.

Sinto um forte aperto em meu estômago e uma aparente brisa em meu rosto. Foquei no movimento do meu quadril e no som emitido pelos meus saltos longos e finos. Neste momento, eu não era a filha dos meus pais ou a amiga irrelevante. Muito menos cicatrizes e comida vomitada. Todos olham para mim. Não com desprezo e repugnância. Com admiração. Nunca havia me sentido admirada antes.

Inclino minha cabeça levemente para frente. O número dez está presente na placa de todos os jurados, sem exceção. A expressão de angústia está representada na face de todas as garotas. Seria um ciclo infinito? Eu, a pior aos meus olhos, poderia ser motivo de outras cicatrizes?

Texto III
Aluno(a): M.L.L
Título: Maria dos Pacotes

Sou conhecida pela cidade como Maria dos Pacotes e gosto de vagar pela cidade carregando coisas e evitando contato com as pessoas. Há algum tempo, eu acabei sofrendo um acidente e agora estou ficando em um quarto no fundo da casa dos meus familiares.

Estava me lembrando da felicidade que sentia quando estava planejando o meu casamento. Em um vislumbre de lembranças, me levanto e danço a coreografia. A nossa coreografia. Começo a escutar a canção e fecho os olhos para sentir o momento. Abro os olhos e o vejo, sinto e desejo. Nos movemos suavemente ao ritmo da música. Aos poucos, a imagem do homem em minha frente se distorce e se desfaz em minhas mãos, a música foi se transformando em um emaranhado de gritos e sons esquisitos que parecem fazer os meus ouvidos sangrarem. O sonho se torna um pesadelo.

Recuperei a minha consciência e me vejo novamente presa naquele quarto com aquela mesma sensação de vazio e falta. Sento na cama e olho para dentro do armário que guarda apenas um vestido de noiva todo comido por traças. Peguei e senti o tecido. Me lembrei da sensação de angústia e vergonha que passei quando estava esperando para entrar na igreja e percebi que ele não viria. Como alguém que foi o amor de sua vida pode se transformar no seu maior inimigo tão rapidamente?

Me levantei para pegar os meus pacotes, mas uma dor me impediu. Tudo ficou preto. Quando me encontraram, leram os meus jornais, descobriram toda a minha história e levaram tudo ao público. As pessoas que comentavam sobre mim com medo e maldade, agora sentem pena e me transformam em mais uma memória triste e apavorante de suas infâncias.

Texto IV

Aluno(a): M.L.F

Título: **O espelho retrovisor**

Era manhã e a raiva me consumia das pontas dos meus longos dedos dos pés até minha cabeça, me fazendo estremecer ao levantar da cama. Chequei as horas e sabia que deveria me erguer, mas hesitei por alguns minutos. Trabalhar em um domingo de manhã é o mesmo que o fim do mundo. Peguei um copo de café e segui em direção ao carro. Apoiei o café no porta-copos e, como de costume, coloquei um podcast para ouvir durante

o caminho.

Com meus olhos atentos à estrada e ouvidos atentos ao que se discutia no rádio, o programa falava sobre a credibilidade na humanidade, como o ser humano tinha seu lado bom, e como isso deveria redimir seus pecados. Era uma espécie de fé na humanidade, a qual me fazia ter esperança e motivação para continuar vivo.

E foi nessa onda de fé e esperança que me deparei com o que de mais agonizante, aterrorizante e, de certa forma, temido, que um humano pode imaginar: um pedido de socorro vindo de outro ser.

Era um ciclista na beira da estrada. Tinha seu corpo coberto pelo próprio sangue com um enorme, longo e profundo corte vindo de sua barriga até as partes inferiores, implorando para que alguém o ajudasse, disputando as palavras de socorro com a enorme quantidade de sangue que banhava sua boca.

Ver essa cena que cegou meus olhos por pura repugnância, me fez questionar se não seria melhor ele já estar morto. Seus movimentos estavam sendo impossibilitados pela bicicleta que se encontrava em cima de todo o seu corpo, além de ser perceptível que o mesmo estava com os ossos destroçados. Era notável que aquele estado no qual o homem se encontrava era de uma vítima de atropelamento. Nesse momento, era só eu e ele, naquela estrada estreita cercada por árvores, com a umidade embaçando os retrovisores. Fiz o que dizem ser pecado. Coloquei o pé no acelerador e continuei seguindo meu caminho, com os olhos abertos colados na própria pálpebra, com a pupila dilacerando por pura agonia.

Lá estava eu, perplexo, já sem rumo, repassando a visão inúmeras vezes que tinha acabado de presenciar. Logo, os pensamentos se iniciaram, e a raiva que me contagiava pela manhã, triplicou sua intensidade. Perguntas como porque alguém teria a capacidade de cometer um ato tão brusco como este, ou a questão de ser proposital ou não o ocorrido me atiçaram. Por mais perturbado de questões que eu estivesse, era fato que o ódio que transpassava por minhas veias vinha do sujeito que abandonou o homem naquele estado, que o deixou sangrando por todos os buracos de seu corpo, implorando por um simples ato de ajuda. Era fato de que seres humanos que passariam pelo local do acontecimento iriam simplesmente passar reto, sem nem olhar para trás, como o próprio criminoso havia feito. Era fato que todos eles iriam sentir repugnância igualmente a mim, passando por ele, sem tocar as delicadas mãos do sangrento indivíduo.

De repente, minha visão do acontecido se voltou a mim. Por que raios eu não havia ajudado o homem? Mas não era claro? Pois eu estava a caminho do compromisso mais

importante de um humano, o trabalho! Então, por que o sentimento de culpa se instalou em meu pensamento? Logo, percepções diferentes me afetaram. Tanto eu como qualquer outro indivíduo que passasse pelo homem gemendo de dor, arrumaria uma desculpa para justificar sua imaturidade, covardia diante a situação, até mesmo o ser que causou o alvoroço.

Eu, os outros e o criminoso éramos a mesma pessoa. O criminoso atuou, colocou a cena em ação. Eu e os outros somos os coadjuvantes do crime, que ajudamos o principal a sair ileso, fazendo o corpo sangrento apodrecer na estrada, sem ninguém perceber, a não ser eu mesmo.

Minutos de puro silêncio contagiaram o clima que se instalava ali. O podcast havia acabado há um tempo e, dessa vez, era eu, a olhar no espelho retrovisor do automóvel, mais um criminoso no carro.

TextoV

Aluno(a): V.G

Título: **Incorpóreo**

Como normalmente, acordei e me preparei para ir à escola. Saí de casa e comecei a caminhar pelo meu bairro, vi meu vizinhos saindo de suas casas junto comigo. Desejei “bom dia” para eles, mas ninguém me respondeu. Aquelas pessoas eram mal educadas, mas conforme fui andando não me senti mais presente. Teria eu me fundido no ar? Minha barriga começou a se contorcer, não me sentia humana no meio deles, parecia que todos resolveram ignorar minha existência.

Tentei esquecer e continuei a caminhar para escola. Assim que cheguei, sentei ao lado de meus amigos e fui começar a contar essa experiência, mas não obtive resposta, eles continuaram conversando entre si. Tentei chamar a atenção deles várias vezes e minha barriga começou a doer novamente. O desespero me bateu, *Porque eles não me responderam? Porque ninguém me responde? O que eu fiz de errado?* Parecia que meus amigos tinham parado de falar frases concretas e só emitiam barulhos estranhos. Eu me sentia um estrangeiro no meio deles. Eles não olhavam para mim, mas sentia como se eles olhassem, só que para meu interior e eu sentia que eles não me queriam ali. Aquelas frases, agora barulhos, pareciam fazer com que meu corpo doesse mais, como se o assunto que eles estavam falando fosse sobre mim, mesmo não sendo.

Novamente eu tentei falar, mas não saiu som, eu não havia percebido desde o começo do dia porque nunca tinha escutado meu silêncio. Eu sentia que tinha alguma coisa prendendo minha voz, *Na verdade, alguém*. A presença de todos os meus amigos que me silenciava.

Eles se levantaram e passaram por mim, uns desviavam e outros me atravessavam, como se eu fosse inexistente, de acordo com a relevância que eu tinha para eles. Talvez eu fosse um fantasma, mas a certeza que eu tinha era de que eu estava imperceptível.

Texto VI

Aluno(a): H. C

Título: **2054**

Hoje, faz sete anos do início da grande guerra. Com a queda da Espanha e Índia, a nova OTAN iniciou um avanço no território dominado pela aliança oriental, feita pela Rússia juntamente com a China, em 2043. Aqui na Áustria, a população perdeu a esperança de reconquistar a independência e a democracia. Nosso país mudou de mão 23 vezes, até a grande ofensiva feita pelos russos, dominando e escravizando toda a Europa continental, com exceção de Portugal e Grécia, que nos conquistou de vez.

Dentre todas as punições possíveis que imaginei, ser enviado para um campo de concentração não estava entre elas. Lutei na linha de frente por seis anos, mas agora, fui escravizado pelos mesmos líderes que defendi. Meu fim está próximo, isso eu tenho certeza. A todo momento, vários soldados que lutaram pela Áustria desaparecem, qualquer um pode ser o próximo.

Pela tarde, me levaram para uma sala separada, por instantes imaginei a possibilidade de eu finalmente ser liberto dos muros em que fui escravizado. Sendo conduzido por um corredor, percebi que meus pensamentos haviam me enganado. Sozinho, andava por uma sala cinza, ao chegar no meio, já sabia o meu fim.

Uma gota de suor desceu pelo meu rosto, por um vidro, vi um dos guardas fazendo o sinal cristão da cruz em seu peito. Que Deus seria esse que eles seguem? Não passa na minha cabeça o mesmo que segue o pregador da paz, aceitar o genocídio de pessoas incapazes de se defender. O Deus deles só pode estar morto, não a divindade que é Deus, mas o que ele representa. Ele já simbolizou paz, amor e salvação, neste momento é

somente uma ideia ridicularizada e moldada de acordo com o desejo dos que possuem o controle das informações.

O desespero que me controla fez lágrimas se juntarem com o suor, mas o suor já não era o de cansaço, era o de angústia, não era mais somente água, mas sim sangue. O gelado gás liberado, ao encostar em meus pés, fraquejaram minhas pernas me colocando de joelho. Por que Deus deixaria logo eu, alguém que não quer o mal alheio, morrer de tal maneira? Se ele de fato quer a paz e o bem, por que não acaba com essa guerra e salva as pessoas?

Minha visão girando não me permitiu ver ao redor, como poderia morrer desta forma? Após lutar, após ver companheiros morrer, por que morreria desta forma? Isso não poderia ser proveniente de algo divino, se de fato Deus permitiu isso, ele não fez bem a sua função de divindade. Ele deveria!

O gás já cobria toda a sala. Eu, de olhos fechados, sem respirar e de joelhos. Se Deus realmente existir, vai ter que implorar pelo meu perdão. O tempo parou, e agora sabia que já estava morto. Abrindo os olhos, ouvi uma explosão, uma luz cobriu minha visão, e após isso meu corpo cedeu ao desmaio.

Sem abrir os olhos, me vi na situação em que destroços cobriam meu corpo, sombras passavam por cima de mim. O meu corpo, já sem chance de viver, só foi capaz de soltar um grito, *Socorro!* Em minha última visão, os destroços acima de mim estavam sendo retirados.

Texto VII
Aluno(a): M.P
Título: Estrelas cintilantes
<p>Segunda-feira, levanto, lavo meu rosto com água gelada, penteio meus cabelos e ponho meu uniforme. Dou bom dia para mamãe e beijo o porta retrato de papai. Perdi-o muito nova, durante a infância, não sinto tristeza, apenas saudade. Não me sinto sozinha, tenho mamãe e Nina, minha amada irmã do coração. Moramos em casas vizinhas,</p>

crecemos juntas, estudamos juntas desde que me conheço por gente e compartilhamos os mesmos pensamentos. Com ela me sinto completa, sinto como se estivesse me olhando no espelho quando a vejo. Ela sempre sabe o que eu estou sentindo, desde quando era pequenina e sofria com ataques na escola, ela sempre estava lá, sempre foi meu conforto.

No caminho para o colégio, como de costume, encontro Nina, gritamos e damos pulinhos entusiasmados porque hoje é um dia especial, pois será nosso primeiro dia de aula do colegial, momento que esperamos e sonhamos durante toda a vida. Passávamos horas vendo os famosos filmes americanos sobre a vida no ensino médio e sempre ficamos animadas para esse momento. Nina estava com nosso tradicional uniforme, saia xadrez, terno com seus característicos colares, pulseiras e seu All Star vibrante e com estrelas cintilantes que ela mesma personalizou. Nina sempre teve dons artísticos, acho que essa é a única coisa que não temos em comum.

Ao entrar no colégio, cumprimentamos nossos colegas e fomos para a primeira aula, nunca fomos alunas exemplares, mas também não somos de tirar notas vermelhas. Éramos medianas, sentávamos na terceira fileira. Na hora do intervalo fui buscar um lanche na cantina enquanto Nina buscava sua blusa na sala, então fiquei conversando com nossos outros amigos enquanto a esperava.

Depois de uns poucos minutos, ouvimos um barulho muito alto vindo das salas, como se algo tivesse desabado. Alunos gritavam e um pânico rapidamente se espalhou pelo pátio. Ainda não conseguia entender o ocorrido.

Ao ir em direção ao barulho, percebi que vinha da sala 5, onde tivemos nossa última aula, e o teto tinha acabado de desabar. Nossa escola sempre foi muito antiga, uma das primeiras da cidade e havia uma falta de manutenção em algumas áreas, o que eu acho um absurdo. Uma escola tão prestigiada como a nossa estava literalmente caindo aos pedaços! Minha primeira reação foi procurar por Nina para comentarmos do ocorrido, porém em uma fração de segundos me lembrei que ela havia ido buscar seu casaco em nossa sala. Nessa sala. A que estava em completos destroços com a poeira subindo cada vez mais. Admito que não me preocupei, afinal Nina era muito ágil e foi apenas buscar um casaco e logo voltava. Estava comigo há uns cinco minutos! Só precisava tentar achá-la, deveria ter ido ao banheiro. Ou talvez estivesse me procurando também!

Foi quando olhando melhor para a sala, entre pedaços do teto caídos no chão, vi algo brilhando, com cores vibrantes e estrelas. Não sei por quanto tempo paralisei. Vi os bombeiros chegarem e pegarem a maca. Uma saia xadrez agora rasgada e com marcas de sangue, e um rosto vazio, irreconhecível. Não sei por quanto tempo permaneci ali, mas

depois de alguns minutos, horas talvez, voltei para casa, dei oi para mamãe e dei um beijo no retrato de papai:

- Sabe pai, minha escola tem muitos artistas, cores vibrantes e estrelas estão muito na moda! Nina vai ficar com ciúmes quando vir que outras pessoas copiaram sua ideia! Oh, pai, como sou tola! Achei, por um segundo, que os tênis que brilhavam diante aos destroços eram de minha amada! Estrelas e cores vibrantes tão comuns entre os jovens. Sabe como é, deve ter saído com outros amigos e esqueceu de me avisar, já deveria ter saído da sala na hora do ocorrido! Só não sei por que sumiu tão de repente sem me avisar, será que está brava comigo?

Coloquei o quadro de volta no lugar, me despedi de papai e fui dormir.

Então acordo, levanto, lavo meu rosto com água gelada, penteio meus cabelos e ponho meu uniforme. Dou bom dia para mamãe e beijo o porta retrato de papai. Não sinto tristeza, apenas saudade. Não me sinto sozinha, tenho mamãe e Nina, minha amada irmã do coração.

5.1. Lê- los, a fim de sabê-los.

Contranarciso.

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós

e só quando
 estamos em nós
 estamos em paz
 mesmo que estejamos a sós .
 (Leminsky, 2013, p. 32)

Elaborar a proposta de produção após uma sequência intensa de leituras compartilhadas, consolida o que ressalta Marcuschi:

[...] a ideia central é a de que se devem criar situações reais com contextos que permitam reproduzir em grandes linhas e no detalhe a situação concreta de produção textual incluindo sua circulação, ou seja, com atenção para o processo de relação entre produtores e receptores. (MARCUSCHI, 2008, p. 213)

Receber a produção de texto desses alunos , que abria a possibilidade de que pudessem falar livremente sobre o que tivessem vontade e necessidade, aplicando um pouco mais a linguagem literária e suas ferramentas para potencializar o que diziam dentro do gênero conto psicológico , com a finalidade de ter esses textos publicados posteriormente num blog e aberto à toda a comunidade escolar, materializa as palavras de Leminsky (2013) e me traz a consciência do valor das experiências que somos capazes de construir e dividir com o outro e que elas de fato ganham sentido quando temos outras mãos conectadas as nossas.

Os alunos sabiam quem seriam seus interlocutores, quem receberia esses textos e não se privaram de tocar em experiências pessoais, inquietações, questionamentos que colocaram nas personagens dos seus textos e que explicam também as dúvidas humanas ante aos mistérios da vida, ou seja, conforme Leal (2008) dispuseram –se como sujeitos que lançaram mão do uso da linguagem para estabelecer também uma relação com o outro que o lê , seu interlocutor. Para Marcuschi (2008), o texto , uma vez que se constrói na interação, configura-se como evento comunicativo. Daí a importância da produção de textos não apenas para formalização de tarefas, mas para lembrarmos-nos de que o locutor desse texto, esse sujeito, deseja , assim que termina seu enunciado, dar lugar a compreensão responsiva ativa do outro, como frisa Bakhtin (1997).

Como esses textos me foram enviados virtualmente, as devolutivas foram feitas pessoalmente, quando nos sentamos para correção. O fato de ter uma relação com essa turma desde o 6º ano, - ainda que passando por uma pandemia que reduziu nosso contato

às telas e uma licença maternidade vivida por mim- vivermos um bom número de aulas por semana e ter uma afinidade com o perfil desse grupo já nos estreitava os laços , logo, aspectos da vida pessoal deles, já era algo que compartilhavam nas minhas aulas sem muitas restrições. Sendo assim, não me privei de comentar sobre os textos de uma maneira mais próxima, primeiramente, sempre falando sobre o texto em si ,enquanto temática discutida, depois, fazendo observações sobre como fizeram uso da linguagem para aprofundar o que queria transmitir, fazendo observações sobre aspectos pessoais que percebia na escrita e, por último, íamos mexendo nos textos de acordo com as necessidades estruturais. Foram momentos prazerosos no que tange à discussão do que decidiram escrever e atentos quanto a como deveríamos fazer correções que não interferissem no sentido, mas que dessem conta de sanar questões de concordância, acentuação, paragrafação ou reorganização frasal.

A leitura desses contos me trouxe uma percepção muito clara de que demos mais um passo juntos, visto que o texto dá-se pela interação entre sujeitos que se constituem a partir de seus contextos sociais e materializam suas ideias e sentimentos, conforme salienta Bakhtin (2003) .

Poderia me atentar agora a analisar aspectos técnicos desses textos, porém, quando vejo o que esses alunos me entregam nessa produções, fico limitada a atentar-me às considerações de Leal:

Tudo se passa no interior de uma escola. E é dentro dela, respeitando os sujeitos históricos que nela convivem, que se pode (re) pensar um projeto de avaliação que esteja em sintonia com a concepção de finalidade da educação, com a concepção de sujeitos de ensino e de aprendizagem e onde seus atores poderão viver experiências de avaliar a aprendizagem do aluno. Trata-se de uma atitude de permanente olhar e de permanente escuta sobre os acontecimentos de sala de aula, a partir das vozes dos alunos, de suas interrogações, de suas explicações, de seus pontos de vistas. Avaliar é algo que sustenta a vida escolar, assim como a própria vida. Avaliar coerentemente é construir vidas, principalmente daqueles que mais precisam da escola. (LEAL, 2018, p.07)

Então, como não olhar para a metáfora-espelho de *O monstro* (texto I) e não sentir também a dor de não caber no corpo e no papel lhe foi dado ao nascer? Como não ter vontade de atravessar o espelho , segurar aquela mão inquieta e dizer que aquele quarto é transitório e que o encontro com a casa que o acolherá definitivamente é certo?

Um texto em que o autor mistura-se à personagem e a tantas outras personagens mundo afora. Em *A pior aos meus olhos* (texto II), acompanhamos a saga de alguém comprometida com a massacrante tarefa de enquadrar-se. De corresponder às

expectativas de um ambiente social doente que valoriza uma beleza pautada nos atributos físicos. Narrativa com descrições cortantes e com perguntas finais que nos deixam um tanto quanto suspensos pelas entrelinhas.

Histórias populares na cidade também circundaram as produções, como em *Maria dos pacotes* (texto III), onde a aluna, comovida com a saga de uma figura que despertou muitas lendas por Jundiaí- Sp, teve acesso à sua real história de vida, por meio de uma exposição e decidiu escrever sobre essa história. No entanto, na primeira apresentação de seu texto , escrito em 3ª pessoa, mostrou-se descontente pelo fato de não ter conseguido explorar as emoções da personagem. Sugeri então “ *Seja a Maria dos Pacotes*” e foi esse texto curto, mas dotado de sensibilidade, que retornou para minhas mãos.

O espelho retrovisor (texto IV) aparece como o convite à necessária reflexão sobre ‘o que será que nos difere daqueles a quem julgamos’? Coloca-nos num lugar de pensamento profundo , que responde muito bem ao gênero discursivo conto psicológico, quando nos lança muito perto das angústias da personagem ali construída.

O desalinho de não pertencer , sobre o qual grandes nomes da literatura já discorreram, também apareceu nessas produções em *Incorpóreo* (textoV). Oportuno tema, quando se trata de personagem e autora adolescente, buscando inserir-se, compreender o mundo à sua volta, querer ser visto e ouvido, mas de maneira delicada, sem deixar de ser o que se é. Às vezes, ser em silêncio.

Ante aos percalços dessa vida, em algum instante, alguns podem chegar a questionar Deus, o que soa bastante ousado e até profano. Em *2054* (texto VI) é isso que faz o jovem que lutou na linha de frente por anos e acabou por ser escravizado e morto por quem defendia. Neste momento de enfrentamento da morte, o desamparo e o desespero vêm à tona para evidenciar a fragilidade humana e , talvez, resgatar a fé.

Pessoas e discursos são um atravessamento de vozes. Em *Estrelas Cintilantes* , sétimo e último texto, isso também ocorre quando a aluna usa a referência dos tênis para dar vida à personagem da amiga-irmã. Ela viu um documentário nacional sobre um evento que fez muitas vítimas, dentre elas, alguém que usava tênis com as mesmas características que cita no seu texto. Apropriou-se do que assistiu e deu vida a uma história escrita de uma maneira muito particular, que provoca diversas emoções ao elaborar o desfecho, repetindo a mesma estrutura inicial do texto, o que nos deixa uma sensação de nó na garganta e plenos da consciência de que jamais poderemos saber quando será a última vez.

Assim , olhar para as produções desses alunos, que foram antes de escritores,

leitores ativos, traz à luz as palavras de Cândido:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CÂNDIDO, 2011, p. 188)

O que vi nesses textos foram sujeitos dando voz às suas inquietudes, indagações e ao modo como veem o mundo numa escrita sensível, profunda e cheia de humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a proposta apresentada ao longo do trabalho, podemos dizer que este estudo foi relevante para demonstrar a importância da prática de leitura literária em sala de aula, de como é positivo para os alunos ter a possibilidade de ler uma obra coletivamente, tendo a oportunidade de compartilhar ideias, percepções, sensações e exercitar seu olhar crítico e estético acerca daquilo que leem e do mundo.

Conforme discuti ao longo do texto, o exercício da leitura dos textos literários na íntegra e em aula, tinha como finalidade observar o desenvolvimento desses leitores e como essas leituras poderiam impactar na escrita desses sujeitos. Foi possível perceber um avanço nas habilidades leitoras dos alunos que se propunham, cada vez mais, a dialogar e refletir sobre as temáticas dos textos e a partilhar experiências. Mostravam-se, a cada conto, mais capazes de interpretar as narrativas, vencendo aspectos linguísticos que, inicialmente, eram um entrave. Também mostraram avanços na oralidade, conseguindo organizar melhor as suas falas e aplicando uma figuração cada vez mais argumentativa.

Observou-se um aumento na compreensão e interpretação dos textos de modo geral, bem como na capacidade de expressão escrita, evidenciando um maior domínio da linguagem e um maior poder imaginativo na produção textual.

Além disso, constatou-se um crescimento da sensibilidade estética dos estudantes, que passaram a reconhecer e a valorizar as características literárias presentes na obra, bem como a compreender a importância da literatura como forma de representação e reflexão sobre a realidade.

Percebi, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, que poderíamos ter tido um melhor aproveitamento, se tivesse feito uma seleção prévia dos contos mais curtos com temáticas menos densas, para os dias em que a turma mostrava menor disposição em ler e discutir as narrativas. Outro ponto importante a considerar é o fato de não ter usado espaços externos da escola para fazer essas leituras, visto que as aulas conflitavam com momentos de maior uso desses espaços, logo, imaginei que essa movimentação pudesse distraí-los do propósito de leitura. No entanto, os momentos de debate poderiam ser aproveitados nesses espaços, até mesmo como forma de despertar a curiosidade de outros alunos, que também poderiam participar enquanto ouvintes. Em uma próxima experiência, pretendo também receber esses textos escritos no papel, embora o envio virtual dos textos facilite os processos, tenho a sensação de que a palavra no papel materializa esses alunos e dá a nós, leitores, uma impressão de criar um laço mais estreito por meio da caligrafia.

Não poderia deixar de levar em consideração que desenvolvi este trabalho em um contexto específico, um colégio que se configura como cooperativa, com poucas turmas e poucos alunos em sala. Acredito que rodas de leitura e leituras na íntegra em sala de aula com um número muito maior de alunos, afetaria significativamente o resultado da pesquisa, portanto é imprescindível ressaltar que a voz dessa experiência vem de um lugar no qual muitos profissionais não estão inseridos no contexto educacional. É salutar que tenhamos consciência de que a realidade da maioria dos profissionais da área, em especial os que trabalham no contexto da educação pública, atuam sob condições adversas em salas de aula superlotadas, o que diminui, notoriamente, a possibilidade de promover trabalhos nesta perspectiva.

Diante disso, conclui-se que o processo de leitura literária a partir da obra *O Fio das Missangas*, de Mia Couto, teve um papel fundamental no desenvolvimento de leitura literária dos alunos do 9º ano, impactando, positivamente, sua capacidade de produção de texto e sua apreciação estética. Esses resultados destacam a importância de projetos de intervenção que promovam a leitura literária nas escolas, sob mediação do professor, contribuindo para o desenvolvimento integral dos estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, V. T. A Formação do Leitor. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA [UNESP]; UNIVERSIDADE VIRTUAL DO ESTADO DE SÃO PAULO [UNIVESP]. Caderno de Formação: Formação de Professores: Didática dos conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, Unesp - Pró-Reitoria de Graduação, Univesp, 2011. (Coleção Caderno de Formação, v. 3, bloco 2, n. 11). 220p. ISBN 978-85-7983-170-6. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40359/1/01d17t08.pdf> Acesso em : 05. Jun. 2023.
- BARTHES, Roland. Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BAKHTIN, Michael. Estética da Criação Verbal. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 1997.
- BAKHTIN, B.B. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003 .
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. Vários Escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CHIARETTO, Marcelo. **Letramento literário e recursos didáticos renovados para um educador cidadão**. Universidade Federal de Minas Gerais. IV SILID III SIMAR 2013. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.pucrio.br/23457/23457.PDFXXvmi=>> Acesso em: 09 jul. 2022
- ECO, Umberto. Seis Passeios pelos bosques da ficção. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.
- GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2010, 184p.
- LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. A Formação do Produtor de Texto Escrito na Escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: COSTA VAL, Maria da Graça; ROCHA, Gladys (orgs.). Reflexões sobre práticas Escolares de Produção de texto: o sujeito-autor. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE, 2008.
- LEAL, Leiva de Figueiredo Viana Leal. Avaliação da aprendizagem: convite a algumas reflexões de interesse pedagógico. Brasília, DF. **Portal SESI Nacional**, Brasília, DF, 2018, p.7.
- LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MARCUSCHI, L. A. Produção textual: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEIRIEU, Philippe. O cotidiano da Escola e da Sala de Aula. Porto Alegre: Artemed, 2005.
- MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 2 jul. 2023.
- NOGUEIRA, A. L. H. Eu leio, ele lê, nós lemos: processos de negociação na construção da leitura. In:

SMOLKA, A. L. B.; GÓES, M. C. R. de. A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

PESSOA, Fernando. Obra poética de Fernando Pessoa: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

REVOREDO, M. SOUZA, R. J. de. Formar leitores: mediação e espaços de leitura. In: RIBEIRO, A. I. M (Org) Educação contemporânea: caminhos, obstáculos e travessias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

TODOROV, Tzvetan. A literatura em perigo. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

(<https://www.companhiadasletras.com.br/livro/9788535927849/o-fio-das-missangas>)